

SÓ-OURO ARTIGOS DE OURIVESARIA, LDA.

Arlindo Moura é, na verdade, Arlindo Ferreira.

“Ferreira” de papel timbrado, depois de abrir pela primeira vez os olhos ao mundo numa manhã fria de inverno, perante o regozijo do pai pelo nascimento do seu primeiro filho. “Moura” é um legado familiar de gerações numa analogia aos mouros, tarefeiros incansáveis, pelas muitas horas de trabalho dedicadas à arte de manusear os fios de ouro, hábito que lhe corre nas veias com o mesmo fervor com que corria nas do avô. E antes dele. A labuta familiar remonta ao penta-avô, cujo negócio prosperou durante a Segunda Guerra Mundial com o fabrico de chapas. Tinha 20 filhos e todos eles, sem exceção, trabalhavam de domingo ao meio-dia até sábado à noite, reservando a manhã de domingo para cumprir o ritual sagrado da missa.

E assim ficou: Arlindo Moura, como hoje é conhecido o mais jovem dos artesãos filigraneiros.

É na oficina que em tempos pertenceu ao avô que Arlindo se completa. Os raios de sol de fim de tarde ignoram os vidros da janela, conferindo uma aura poética e mística ao tom acastanhado das bancadas e dos bancos de madeira. É como se o avô ali continuasse na sua mesinha do canto, encurvado sobre a Filigrana, concentrado na minúcia do seu ofício.

Arlindo manteve a oficina tal e qual o avô a deixou. A sua mesinha, onde hoje ninguém está autorizado a trabalhar – ou sequer a tocar, está assim desde o último dos seus dias. Perante um discurso tão carregado de emoção e com menções tão frequentes ao avô, quando lhe perguntam: “Mas o seu avô ainda é vivo?”, Arlindo responde no presente do indicativo. A oficina é dele, do avô, por mais que já não esteja cá.

Do avô ao Arlindo os tempos mudaram, mas a Filigrana manteve-se intemporal mesmo com os avanços e recuos de um design que hoje lhe empresta modernidade e tradição em simultâneo. “É nesse encontro que está a beleza.” A irreverência do carácter de Arlindo faz o resto, na criação de joias. Só faz peças únicas, certificadas. É essa a sua assinatura. Aventurou-se num vestido desenhado pela estilista portuguesa Micaela Oliveira. Ela sonhava-o há muito, decorado com socalcos do Douro vinhateiro, caravelas, calçada portuguesa, andorinhas e a palavra “Saudade”, tudo em Filigrana. Arlindo realizou-lhe o sonho de o ver materializado em 115 peças e 2.040 horas de trabalho, num vestido que haveria de rumar ao Dubai para representar Portugal.

O miúdo que passava horas a contemplar o avô a trabalhar na oficina jamais teria imaginado que esta emoção avassaladora que lhe vem das entranhas tomaria conta de si de cada vez que a Filigrana é o tema. Encanta-se com um colar que desenhou e filigranou. Emociona-se com mais uma história com voltas em caracol. Renasce com um lápis e uma folha de papel. E agiganta-se no livro de banca onde o avô apontava os pormenores técnicos das peças: “Neste livro o meu avô tem tudo encriptado. Só tem a quarta classe, mas escreve de forma enigmática. O meu pai e o meu tio nunca o conseguiram decifrar, mas eu penso como o meu avô. Sei lê-lo como ninguém”, diz com uma sobranceira que a saudade e o amor justificam.

Textos de Sónia Felgueiras

Encante-se com a história
do Arlindo em vídeo

